



RESENHA

COUTO, Elza Kioko N. N. do Couto; FERNANDES, Eliane M. da Fonseca. *Análise do discurso ecossistêmica: teoria e prática**. Brasília: Universidade de Brasília / Pós-graduação em Linguística, 2021, 79p., ISBN 978-65-994624-0-5. E-book disponível em: <http://www.ecoling.unb.br/images/ADE.pdf>

Resenhado por Zilda Dourado (UEG- Câmpus Sudoeste – sede em Quirinópolis)

O livro *Análise do discurso ecossistêmica: teoria e prática* tem como principal objetivo sistematizar os principais conceitos da análise do discurso ecossistêmica (doravante ADE). Essa nova teoria do discurso era conhecida como análise do discurso ecológica, porém o seu nome foi atualizado para análise do discurso ecossistêmica, em conformidade com a linguística ecossistêmica, versão brasileira da ecolinguística. A partir dessa mudança, a presente obra está dividida em duas partes, intituladas de “Análise do discurso ecossistêmica: teoria” e “Análise do discurso ecossistêmica: prática”. A primeira apresenta o construto teórico da ADE e a segunda, a sua aplicação analítica em textos diversos. Essa estrutura da obra introduz o analista aos preceitos ecológicos de estudo da linguagem e do discurso.

A primeira parte “Análise do discurso ecossistêmica: teoria” consta de cinco capítulos: “Ecologia e ecosofia”, “Linguística ecossistêmica (LE): uma breve apresentação”, “Análise do discurso ecossistêmica (ADE)”, “Categorias de análise” e “Metodologia”. Esses capítulos apresentam o objetivo da ADE, sua filiação à Linguística ecossistêmica, a base filosófica da ADE, as categorias de análise e a metodologia para um estudo do discurso pautado na ADE. A leitura dessa parte do livro dá todos os recursos necessários para o pesquisador iniciar os seus estudos de discurso, em conformidade com a ADE.

De acordo com as autoras Elza do Couto e Eliane Fernandes, o principal objetivo da ADE é “descrever e analisar a construção de sentidos gerados por sujeitos que empregam linguagens (face a face, virtual ou potencial) dentro de contextos ecossistêmicos interacionais de comunicação (meios ambientes natural, mental, e social”. Esse objetivo demonstra a preocupação da ADE em ser uma teoria do discurso vinculada a um engajamento ecológico no combate aos desequilíbrios de ordem natural, mental e social presentes nos ecossistemas. Essa preocupação faz com que o analista se insira no interior dos ecossistemas para observar e traçar meios de alcançar o equilíbrio interno entre os seres vivos. A ADE lança um olhar ecológico e ecolinguístico para a comunicação humana com

o intuito de analisar a construção de sentidos dos sujeitos em interação dentro de um ecossistema linguístico.

Essa inserção em um ecossistema linguístico vincula a ADE à teoria da linguística ecossistêmica, vertente da ecolinguística no Brasil. Por isso as duas teorias compartilham a mesma concepção de linguagem, a de que a língua/linguagem são fenômenos biopsicossociais dinamizados no interior das inter-relações entre língua, povo e território, isto é, dentro de ecossistema linguístico. Este é formado pela integração dos ecossistemas natural, mental e social, de modo que a interação comunicativa é uma interação submetida às regras sistêmicas e às regras interacionais da linguagem humana. Desse complexo de interações no ecossistema linguístico emerge o texto/discurso. Segundo Couto & Fernandes, os sujeitos produzem sentidos de dimensão natural, mental e social ao se envolverem em uma interação comunicativa. Portanto, para a ADE, a língua/linguagem é uma interação comunicativa, a partir da qual os sujeitos produzem sentidos, materializados em textos/discursos que apresentam dimensões advindas do espaço, das relações sociais e da ecoideologia. Dessa maneira, a ADE apresenta uma concepção de língua, de texto e de discurso, além de desenvolver a dinamização dos sentidos na comunicação humana.

Em vista disso, a ADE também apresenta uma vertente filosófica, a sua base de compreensão dos modos de vida e de observação dos ecossistemas. Trata-se da ecosofia, também conhecida como ecologia profunda, segundo Arne Naess, e da ecoética, segundo Capra & Mattei (2018). Essas teorias são o eixo de sustentação da ADE como uma teoria do discurso ecologicamente engajada na busca pelo equilíbrio dos ecossistemas. Couto e Fernandes afirmam que o analista da ADE desenvolve as suas análises com a postura de combater o sofrimento e defender a ideologia da vida, partindo da premissa de que todos os seres vivos têm o direito à própria existência e à proteção contra todos os tipos de violência. Isto posto, a ADE exige do analista uma responsabilidade no exercício da ciência para a prática de uma ética ecossistêmica, construída a partir de uma predisposição individual para possibilitar a harmonia das inter-relações no interior do ecossistema.

Seguindo esses pressupostos teóricos, Couto & Fernandes apresentam as categorias de análise da ADE. Primeiramente, as autoras enfatizam que todos os conceitos desenvolvidos pela linguística ecossistêmica podem ser mobilizados para um estudo do discurso orientado pela ADE. Isso se justifica pela concepção de linguagem empregada pela teoria e pela compreensão de que os sentidos funcionam como uma rede, porque estão interconectados e interdependentes no interior do ecossistema integral da língua.

Em segundo lugar, as autoras retomam e detalham os conceitos de texto e de discurso, que são tomados em conjunto, porque o texto é um evento de comunicação da interação e o discurso é constituinte dessa comunicação, o que direciona o olhar analítico para o processo de produção do discurso em seus valores sociais e culturais, todos esses circundantes do texto. Também é importante destacar a ressalva das autoras sobre o que a ADE entende como social. Trata-se de um conjunto de valores sociais, históricos e culturais interconectados.

A ADE tem a comunhão e a ideologia da vida como categorias de análise. Couto & Fernandes explicam a comunhão como uma relação ecológica harmônica que sustenta uma benevolência compartilhada promotora da comunicação. A comunhão é o pré-requisito de

toda e qualquer interação comunicativa. Logo, uma quebra da comunhão gera desarmonia e é aqui que o analista desenvolve o seu estudo com o objetivo de defender a vida.

Em conformidade com Couto & Fernandes, a defesa da vida é a aplicação prática da ideologia da vida. Esta, por sua vez, é um conjunto de visões ecológicas responsáveis por favorecer a manutenção do bem-estar e do equilíbrio do meio ambiente. Desse modo, cabe ao analista fazer proposições em favor da defesa da vida, a partir do seu estudo ecossistêmico.

Além das categorias de análise, a metodologia da ADE também é essencialmente ecológica. Couto & Fernandes afirmam que a ADE mobiliza a ecometodologia, sustentada pela visão ecológica de mundo. Dessa maneira, o analista precisa mobilizar o método de focalização, segundo Garner (2004). Esse método parte do ecossistema integral da língua, de modo que o analista veja as dimensões sociais, mentais e naturais do seu objeto, integrados de maneira holística. A partir daí, ele delimita o que será analisado em seu objeto. Também é possível escolher outras teorias para auxiliá-lo em seus estudos, pois a ecometodologia é multimetodológica e multidisciplinar, como se vê na parte II do livro, dedicada à aplicação da ADE.

Vimos que a segunda parte se intitula “Análise do discurso ecossistêmica: prática” e que ela contém seis capítulos dedicados a análise de fenômenos linguísticos: “A quebra da harmonia dos moradores de rua”, “Um desenho e uma narrativa”, “Um dia calmo”, “A memória da carência em entrevistas de meninos de rua”, “Uma vela para Dario”, “A tentação e o desejo em relação aos ecossistemas”. Essas análises demonstram como desenvolver a metodologia da ADE e a aplicação de suas categorias de análise em textos verbais e não-verbais. Tal exposição é importante para que o leitor compreenda a proposta da ADE e se motive a analisar discursos diversos com essa nova teoria.

A primeira análise “A quebra da harmonia dos moradores de rua” é a dos dados obtidos a partir das entrevistas desenvolvidas por Elza Kioko N.N. do Couto com meninos de rua da cidade de São Paulo. A segunda análise “Um desenho e uma narrativa” é de um desenho e de uma narrativa, obtido por meio do teste dos nove arquétipos, o AT9, desenvolvido por Yves Durand. Aqui, essa análise estabelece um diálogo analítico com a teoria da antropologia do imaginário de Gilbert Durand. A terceira análise “Um dia calmo” é dedicada exclusivamente à narrativa homônima que acompanhou o desenho do AT-9 da análise anterior. Nessa parte há um diálogo com as funções ideacional, interpessoal e textual de Michel Halliday. A quarta análise “A memória da carência em entrevistas de meninos de rua” discute a memória e a sua relação com o discurso, mais uma vez dialogando com a teoria da antropologia do imaginário de Gilbert Durand. A quinta análise “Uma vela para Dario” é do conto literário de Dalton Trevisan “Uma vela para Dario”. Já a sexta análise “A tentação e o desejo em relação aos ecossistemas” é sobre uma charge do adolescente Laerte. Nessa aplicação há a discussão sobre o desejo e a tentação nos ecossistemas.

Essas análises permitem ao leitor compreender o que é a análise do discurso ecossistêmica (ADE) e como desenvolver uma análise nessa perspectiva teórica. Tal como Couto & Fernandes afirmam no livro, a ADE pode estudar textos verbais e/ou não-verbais. A partir dessas materialidades, o analista descreve e analisa os contextos ecossistêmicos naturais, mentais e ou sociais. Essa análise direciona para a elaboração de proposições capazes de fomentar a defesa da vida e a manutenção dos ecossistemas.

Por fim, o estudo sistemático apresentado pela obra *Análise do discurso ecossistêmica (ADE): teoria e prática* é inovador porque demonstra como o discurso é dinâmico tanto em seu processo de construção na comunicação quanto em suas possibilidades de análise. Além disso, a ADE é uma teoria consoante com a atualidade, em que as discussões sobre a relação do ser humano com o seu ambiente estão ocupando os espaços acadêmicos e os espaços midiáticos. Por tudo isso, a leitura desse livro é altamente recomendada para os estudantes do curso de Letras, pesquisadores das teorias do discurso e demais interessados nas relações entre linguagem e meio ambiente.

Referências

CAPRA, Fritjof. MATTEI, Ugo. *A revolução ecojurídica*. São Paulo: Cultrix, 2018.
GARNER, Mark. *Language: an ecological view*. Londres: Continuum, 2004.

*NdaR. Este livro foi resenhado também em:

-*Boletim do GEPL* n. 6, 2021, p. 8-10: <http://www.ecoling.unb.br/images/n621.pdf>

-Revista chilena *Árboles y rizomas*: <https://www.revistas.usach.cl/ojs/index.php/rizomas>

ECOLINGÜÍSTICA: REVISTA BRASILEIRA DE
ECOLOGIA E LINGUAGEM (ECO-REBEL), v. 7, n. 2, 2021.